

Cartografia da vulnerabilidade: somos todos trans*?

*Cartographie de la vulnérabilité:
sommés-nous tous trans*?*

Rafael Leopoldo¹

Resumo: No presente *paper*, produzimos uma relação entre a *subjetividade moderna* com a pandemia do SARS-CoV-2, e a origem de uma cartografia da vulnerabilidade trans*. No intuito de caracterizar a subjetividade moderna, pensamos, principalmente, em René Descartes e na ideia de uma epistemologia objetivante. Na atualidade, esta epistemologia toma forma com o conceito de *antropoceno*, que corresponde a um novo regime climático e, por sua vez, é a denominação provável de nossa mais recente catástrofe climática. Diante de tal mudança climática, diretamente responsável por gerar tragédias globais, como a atual pandemia, é igualmente crível pensar o nosso grande confinamento e a vulnerabilidade trans* como possibilidade de uma forma de subjetividade solidária.

Palavras-chave: antropoceno; novo regime climático; ultradireita troll; devir trans*; solidariedade.

Résumé: dans ce *paper*, nous avons produit une relation entre la *subjectivité moderne* avec la pandémie SARS-CoV-2, et la production d'une cartographie de la vulnérabilité trans*. Pour caractériser la subjectivité moderne, nous pensons principalement à René Descartes et à une épistémologie objectivante. Actuellement, cette épistémologie prend forme avec le concept d'*anthropocène*. L'*anthropocène* fait face à un nouveau régime climatique. Ce nouveau régime climatique est le nom de notre dernière catastrophe climatique. Ce changement climatique engendre des tragédies comme la pandémie actuelle et, au vu de cela, nous considérons notre grand confinement et vulnérabilité trans* comme la possibilité d'une forme de subjectivité solidaire.

Mots-clés: anthropocène; nouveau régime climatique; extrême droit troll; devenir trans*; solidarité.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

¹ Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2012) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015). E-mail: ralasfer@gmail.com

Introdução: somos todos trans*?

A pergunta inicial do subtítulo de nosso ensaio remonta a dois antropólogos. A priori, o professor do Museu Nacional do Universidade Federal do Rio de Janeiro, Eduardo Viveiros de Castro, e uma entrevista de 2016, para a *France Culture*, chamada “Vamos ser todos ameríndios?”. O segundo é o francês Bruce Albert e seu texto de 2020, “Agora somos todos ameríndios!”, escrito para o *Le Monde*. No primeiro texto, o cenário é o final do ciclo progressista latino americano com o impeachment de Dilma Rousseff e o início de uma ultradireita no Brasil. No segundo, a conjuntura é a pandemia e o primeiro caso de covid-19 entre os Yanomamis. Neste pequeno ensaio, o nosso contexto teórico perpassará esses dois pontos, tanto o fim do ciclo progressista latino americano, quanto o surgimento de uma ultradireita troll brasileira, que lida com o surto do coronavírus através de um negacionismo e de uma necropolítica.

Assim, pode-se afirmar que a nossa seara teórica percorre primeiro o que chamamos de *subjetividade moderna*. A ideia de uma subjetividade moderna abarcaria uma gama de elementos, mas, enfatizamos uma determinada compreensão do que é a natureza e a terra. Neste âmbito, a subjetividade moderna pensa a terra dentro de uma epistemologia extremamente objetivante. Esta relação com a terra acarreta no que conhecemos como *antropoceno*.

Dentro do *antropoceno* retomamos a questão não em sua generalidade, mas citando as empresas e os políticos que, neste momento, são o exército de frente do novo regime climático. Por outro lado, temos o entendimento de que a pandemia está muito relacionada com uma determinada relação com a natureza, visto que a pandemia nos parece um efeito colateral, mais ou menos calculado, do desenvolvimento do capitalismo. Agora, no contexto do covid-19, alguns membros das classes dirigentes evocam tanto o negacionismo, quanto a necropolítica. O negacionismo é, sumariamente, uma necropolítica, posto que, se não há uma ação governamental para mitigar os efeitos da pandemia, tem-se, necessariamente, uma gestão daqueles que vão morrer, elegendo, de antemão, os mais vulneráveis.

Ao adentrar esta cartografia da vulnerabilidade é que refazemos tanto a pergunta de Eduardo Viveiros de Castro, quanto a resposta de Bruce Albert. Desta maneira, a tese ponderada desde as primeiras palavras deste texto é: perante um momento de extrema vulnerabilidade global seríamos todos trans*? É inegável que há, de fato, todo um *dever trans* do mundo*¹, visto que encontramos a vulnerabilidade e o medo compartilhado, visto que a existência é agora apequenada. Porém, devemos enfatizar que a vulnerabilidade não é um atributo essencial, uma ontologia ou uma identidade trans*. Tem-se neste momento uma verdadeira minoração da experiência trans*, mas, poderíamos compreender esta experiência como uma potência.²

¹ Sara York no seu *Manifesto Travesti* (no prelo) afirma que não existe uma única forma de ser travesti. Assim, seria ingênuo pensar em um grupo trans* monolítico. Não obstante, pensamos aqui o *dever trans** levando em conta, por exemplo, que a expectativa de vida de uma travesti no Brasil é de 35 anos (Lustosa, no prelo), mas, também, que existe toda uma potencialidade da experiência das transidentidades.

² AS..., s/p.

Não obstante, mesmo diante da potência da experiência transidentitária³ não deveríamos esquecer que todos os ambientes da *sociedade disciplinar* e todos os ambientes da *sociedade de controle* são mais letais para a população *trans** no contexto biopolítico do *covid-19*. Todavia, num momento de crise e de ruptura global, não somente os poderes serão remodelados, mas, também, as subjetividades, que sofrerão alterações dentro deste tecno-capitalismo. É nesta conjuntura que evocamos a ideia de solidariedade, a ideia de uma revolta e uma subjetividade solidária.

1. Os humanos e a asfixia global

Poderíamos afirmar que diante do SARS-CoV-2 estamos asfixiados. Nós estamos asfixiados seja pelos sintomas do coronavírus, seja pela sensação claustrofóbica do confinamento. Nós estamos diante da *κρίσις* (“crise”) que nos remete a uma determinada *ruptura* e suas *consequências* na organização do corpo social.

Nesta conjuntura de incertezas encontramos uma questão que se repete e, por isso, resulta fortemente sintomática. Trata-se da pergunta: “O mundo será o mesmo depois do *covid-19*?”. Este questionamento tenta englobar a dimensão da crise como *ruptura* e nos assinala duas dimensões temporais: o passado e o futuro. Na dimensão do passado, haveria um mundo antigo cujo o qual, supostamente, deveríamos sentir saudades, posto que a pandemia teria encurtado as possibilidades de vida. Na dimensão do futuro, encontramos tanto um temor de viver num mundo onde se espalhou o vírus e seus efeitos deletérios, quanto compreender essa *ruptura* como

uma jubilosa possibilidade de mudança social, a tentativa de criar uma revolta e um *solo comum* solidário.

Quando pensamos esse passado, estamos diante de uma determinada forma de subjetividade constituída na Modernidade. Um dos filósofos considerados “o pai da modernidade”, René Descartes, tem um adágio importante na sua obra *Discurso do Método*, em que atesta que deveríamos ser *mestres e possuidores* da natureza. Descartes é aquele pensador que teve um *passaporte livre* para o mundo dos livros e para o mundo da vida. Desta maneira, o *ego conquirio* (“eu conquistador”) se assemelha ao *ego cogito* (“eu penso”) e o primeiro constitui a próto-história do segundo. Neste sentido, podemos compreender que a subjetividade moderna pensa a natureza como um objeto passivo a ser violentado, seja pelo conquistador, seja por uma epistemologia extremamente objetivante. É diante desta relação com a natureza que podemos entender o que Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química, chamou de *antropoceno*, ou ainda, o que Achille Mbembe entende como a *combustão do mundo*⁴ e o que compreendemos como um *novo regime climático*.

O termo *antropoceno* (*ἄνθρωπος*, “humano”; *καινός*, “novo”) é mais um nome que batiza a nossa catástrofe climática, agora tendo como referência principal uma nova era geológica. Esse termo consiste em considerar o *humano* como uma força geológica capaz de reconfigurar a própria Terra. Esta megaforça geológica parece ter horror à própria Terra. Ailton Krenak em seu livro, *Ideias para adiar o fim do mundo*, nos fala que parte da humanidade vai se

³ AS..., s/p.

⁴ MBEMBE. *Brutalisme*.

“descolando” da terra, enquanto outra parte “agarra a terra”.⁵ Nesta mesma toada, o antropólogo Bruno Latour pensa essa conjuntura como uma guerra de mundos onde de um lado teríamos os Humanos e do outro os Terranos, isto é, uma guerra entre aqueles que estão descolados da terra e aqueles que estão agarrados à terra. Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski tentam caracterizar os Humanos e os Terranos para além da generalidade do pensamento de Latour, assim, ambos nomeiam o exército de frente dos Humanos, citando empresas como Chevron, Exxon, Gazprom, Dupont, Syngenta, Bayer, Bunge, Vale etc., sendo que tais empresas agiriam em nome dos Humanos. Os Terranos, por sua vez, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski relacionam ao povo ameríndio.⁶ No entanto, poderíamos dizer com Krenak que eles são, sobretudo, aqueles que estão agarrados a terra.

A pandemia (παν, “todo”; δῆμος, “povo”) que enfrentamos agora é, especialmente, produzida pelos Humanos, mas, trata-se de uma calamidade compartilhada com toda a população. Trata-se de uma reorganização⁷ do corpo social, uma reorganização das vulnerabilidades. Em uma estranha inversão, Ailton Krenak aponta que “o vírus parece ter se cansado da gente, parece querer se divorciar da gente como a humanidade quis se divorciar da natureza. Ele está querendo nos *desligar*, tirando o nosso oxigênio [novamente a temática da asfixia]”.⁸ A natureza desta inversão — mais do que uma vingança de Gaia — tem uma característica política e nos mostra que a

societas humana se funda nesse não-humano. Lembrando que, para os ocidentais, “a principal missão da civilização, sua *raison d’être* real, é nos defender contra a natureza”.⁹ Assim sendo, a incerteza que paira neste momento de peste global baseia-se em como se dará a reorganização do *socius* e como ocorrerá a produção de um novo solo diante do *covid-19*.

Não obstante, nós temos uma noção razoável dos efeitos deletérios dessa relação do Humano com a Terra. Em verdade, conhecemos tão bem esses efeitos que há todo um estudo sobre a *ecologia das doenças* em constante ampliação, buscando prever o efeito colateral do *expansionismo Humano*. Trata-se, primeiramente, de afirmar que as epidemias não apenas acontecem, mas, antes de tudo, são resultado da ação humana. Nos Estados Unidos há um projeto chamado *PREDICT*, cuja lógica, em linhas gerais, é tentar *prever* a próxima doença que afetará o ser humano. A premissa é que existe uma grande gama de doenças zoonóticas, isto é, doenças que surgem da relação do ser humano com os animais. Em virtude disto, quando o Meio Ambiente é degradado, quando este é modificado por ações humanas (deliberadas, na maior parte das vezes), o que temos é uma modificação da vida selvagem, que, por sua vez, gerará uma nova relação entre o homem e os animais e uma possível doença que nos atingirá. Na tentativa de antever a próxima epidemia/pandemia, cria-se todo um catálogo de viroses mais prováveis antes da alteração do Meio Ambiente. Parece que a lógica do *PREDICT* realiza-se por

⁵ KRENAK. *Ideias para odiar o fim do mundo*; KRENAK. *O amanhã não está à venda*.

⁶ VIVEIROS DE CASTRO; DANOSWIKI. *Há mundo por vir?*

⁷ Quando apontamos uma reorganização do corpo social se trata de pensarmos se diante do momento pandêmico serão enfatizados políticas e revoltas que se fundam na solidariedade, ou ainda, se encontraremos um aprofundamento das desigualdades sociais.

⁸ KRENAK. *O amanhã não está à venda*, s/p.

⁹ SIGMUND. *O futuro de uma ilusão*, p. 29.

meio da chave da racionalidade instrumental de abrir a *Caixa de Pandora*, seja em Wuhan, seja na Antártida ou na Amazônia, seja em qualquer espaço ainda verde e possível de ser capitalizado. A abertura dessa caixa pelos Humanos é o que conhecemos agora na forma do grande confinamento, ou ainda, a nossa asfixia global.¹⁰ Diante deste apontamento mais geral nos cabe agora pensar algumas especificidades do Sul Global e, principalmente, da conjuntura brasileira composta por uma *radicalização da direita* e um *forte negacionismo*.

2. A ultradireita troll brasileira e o negacionismo

A postura política que coaduna com a noção de Humano é o *negacionismo*. Compreendemos esse negacionismo no plural, já que na conjuntura brasileira de uma ultradireita troll existe uma tríplice negação: histórica, climática e político-sanitária. Todavia, para entendermos estes elementos é viável pensarmos alguns elementos da passagem do fim do *ciclo progressista latino-americano* (doravante CP) e o surgimento da *ultradireita troll brasileira*. Essa ultradireita troll ganha os seus maiores contornos no momento em que o baixo clero da política brasileira chega realmente ao poder com a eleição de Jair Bolsonaro.

A respeito do CP, pode-se asseverar que foi historicamente caracterizado a partir da eleição de Hugo Chávez como presidente da Venezuela, em 1998; Lula, no Brasil, em 2002; Néstor Kirchner, na Argentina, em 2003; Tabaré Vázquez, no Uruguai, em 2005; Evo Morales, na Bolívia, em 2005; Rafael Correa, no Equador, em 2006; Fernando Lugo, no Paraguai, em 2008. Todos esses governos

foram eleitos via democracia representativa e muitos deles evocaram demandas populares, fato que angariou, *a posteriori*, os votos dessas mesmas classes.

Pensando na conjuntura da formação do CP e sua relação com a natureza, deveríamos apontar tanto um contexto externo favorável, com os altos preços das *commodities*, quanto a utilização deste contexto para produzir uma variedade de programas sociais. A crítica que fazemos ao CP, tendo em vista o Brasil, engloba dois pontos: 1) o primeiro trata-se de enfatizar que, no período brasileiro deste ciclo, houve um verdadeiro *pacto com o diabo* quando Lula estabelece uma relação forte com os grupos empresariais; 2) o segundo diz respeito a salientar que grande parte do que funda a possibilidade de uma ampliação dos programas sociais foi possível, tão somente, diante de um do *extrativismo intensificado* pelo neoliberalismo implantado no Sul, em outras palavras, de políticas de *destruição da terra*. Não esquecendo os elementos positivos dos governos progressistas brasileiros, é importante afirmar que houve também uma expropriação da terra para a tentativa de uma mudança social, integrando as pessoas por meio da produção de um *cidadão consumidor*.

Não obstante, quando acontece o esgotamento do CP com a vitória de Mauricio Macri, na Argentina, em 2015; e o impeachment de Dilma Rousseff, no Brasil, em 2016, o que temos é uma letargia no campo progressista e uma reconfiguração da direita, uma retração gigantesca de políticas sociais e uma relação violenta diante dos Terranos. Desta forma, após a desidratação do CP

¹⁰ MBEMBE. *Direito universal à respiração*, s/p.

ocorre uma *guinada*¹¹ para a ultradireita com Michel Temer e, posteriormente, com Jair Bolsonaro. Essa ultradireita abarca o presidente Jair Bolsonaro como, também, um grande espectro do bolsonarismo. Acentuamos desse último governo o que Moysés Pinto-Neto compreende como um *regime discursivo troll*¹²; o que Idelber Avelar caracteriza como *partido dos trolls*¹³; e o que chamamos genericamente de *caos sócio-discursivo troll*¹⁴. Esse *caos sócio-discursivo* explicitado, principalmente, nas plataformas digitais, pode ser relacionado com o *negacionismo bolsonarista* e sua *tríplice negação* (a recordar, histórica, climática e político-sanitária).

Quando pensamos o *negacionismo* na esfera da ciência¹⁵, o mesmo pode ser definido como a rejeição de conceitos científicos básicos, o desprezo ao consenso produzido pela ciência e, taxativamente, uma postura situada a favor de argumentos falaciosos, de ideias controversas e das teorias conspiratórias. Além dessa definição, o termo *negacionismo* ficou conhecido quando houve a tentativa de negar o Holocausto.¹⁶ Os *negacionistas* do Holocausto rejeitam a existência desse fato histórico ou minimizam-no numa espécie de *revisonismo* histórico sem

fontes históricas. De modo semelhante, o bolsonarismo também tem as suas práticas “revisonistas” da história brasileira, como a minimização do período ditatorial (1964-1985). Essa suavização do período de ditadura militar é correlata a toda a sua postura diante das mulheres, dos negros, dos índios e da população LGBT+. O horrível bolsonarismo produz um grande campo de invisibilidade do cruor das minorias.

No plano das mudanças climáticas e da atual pandemia, o bolsonarismo evoca um profundo anti-intelectualismo e uma imensa postura anticientífica. O *negacionismo bolsonarista* rejeita a objetividade e afirma a subjetividade, daí estar muito próximo de transformar Jair Bolsonaro em uma seita, o que o teólogo Carlos Caldas nomeia criticamente de *bolsonarolatria* com os seus fiéis *bolsonarólatras*¹⁷. Porém, se há alguns *negacionistas* que desejam vincular-se “refinadamente” ao *ceticismo filosófico*, o *negacionismo bolsonarista* se associa ao *caos sócio-discursivo troll* (o humor brutal). Moysés Pinto-Neto¹⁸ é quem caracteriza de forma mais consistente esse humor brutal. Assim, vamos retomá-lo para pensarmos, especialmente, a temática *negacionista*.

¹¹ Enfatizamos que esta *guinada* da ultradireita não se apresenta tão somente por um enfraquecimento das políticas progressistas. Desta maneira, seria necessário apontar todo um contexto internacional de uma “direitização” que perpassaria, por exemplo, pelas políticas posteriores ao atentado de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos; a crise financeira de 2008 que tem os seus ecos na América Latina; e, ademais, uma nova composição geopolítica com Trump, Boris Johnson e Edorgan e Putin.

¹² PINTO-NETO. *Do Populismo Reacionário ao Exterminismo*.

¹³ Cf.: AVELAR. *Eles em nós*. Idelber Avelar propõe que compreendemos o bolsonarismo como a coalisão de seis partidos: 1) partido do Boi; 2) partido da Polimilícia; 3) partido da Lava Jato; 4) partido do Mercado; 5) partido Teocrata; 6) e, também, o partido dos Trolls. Se pensarmos esse mosaico do bolsonarismo por meio da elaboração do Avelar nós trabalhamos, sobretudo, um aprofundamento do *caos sócio-discursivo* do partido dos trolls.

¹⁴ Cf.: LEOPOLDO. *A ultradireita troll*, s/p. O intuito de mudarmos a nomenclatura de “regime discursivo troll” para “caos sócio-discursivo troll” se trata de enfatizarmos a produção caótica do discurso (o humor brutal) e a produção caótica do social (a ética invertida) do bolsonarismo.

¹⁵ Existem dois extremos com relação a ciência que deveriam ser vistos com determinada acuidade. Um polo é o *negacionismo* da ciência; outro polo é a total *credibilidade* na ciência.

¹⁶ FERRÁNDIZ. *Los negacionistas del Holocausto*.

¹⁷ CALDAS. O “cristianismo positivo” tupiniquim.

¹⁸ PINTO-NETO. *Do populismo reacionário ao exterminismo*.

Para essa caracterização trazemos à baila algumas afirmações de Jair Bolsonaro que envolvem três diferentes contextos: 1) o trato com alguns políticos; 2) a relação com as mudanças climáticas; 3) e, por último, suas declarações sobre a atual pandemia.

Na abordagem com políticos, por exemplo, podemos apontar tanto sua afirmação sobre o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, como a ex-ministra Maria do Rosário. A respeito do primeiro, a declaração indecorosa, afirmando que para mudar o Brasil ele começaria “matando uns 30 mil, começando com FHC”¹⁹, ao passo que sobre Maria do Rosário a fala claramente misógina “não te estupro porque você não merece”²⁰.

No que concerne, agora, às mudanças climáticas, seria interessante lembrar o caso Bolsonaro e Greta Thunberg. Na época em que a ativista ecológica, de apenas 16 anos, postou em seu Twitter que a população indígena estava sendo assassinada por tentar proteger o seu próprio território, tão logo Bolsonaro afirmou ser “impressionante que a imprensa dê espaço a uma pirralha dessa aí”. A resposta de Greta foi uma estratégia tipicamente *queer*²¹ de reapropriação do insulto. Assim, a militante contra o aquecimento global mudou o seu *status biográfico* no Twitter para “pirralha”. Outra declaração de Bolsonaro a respeito da mudança climática e formas de mitigá-la foi responder para um jornalista o que se segue: “só você fazer cocô dia sim, dia

não que melhora bastante a nossa vida”.²²

Por último, quando pensamos as declarações de Bolsonaro a respeito do *covid-19*, nos deparamos com falas negacionistas, como afirmar que o coronavírus é uma “fantasia”, ou ainda, quando o próprio presidente minimiza a pandemia e a gravidade da doença, ao alegar que é apenas uma “gripezinha”. Se o Bolsonaro da América (Trump) recomendou o uso de desinfetante para os afetados pelo *covid-19*, o Trump dos trópicos (Bolsonaro) sugeriu, deliberadamente, a droga hidroxicloroquina, que não tem um consenso científico para a sua utilização. Sobre os números alarmantes de mortos no Brasil, a resposta de Bolsonaro foi “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Na gravação em que Jair solta esse discurso podemos escutar o riso-bolsonarista ecoando ao fundo, diante da afirmação do presidente. Quem resumiu da melhor forma as consequências práticas desses e outros negacionismos foi o filósofo Vladimir Safatle, quando asseverou que “*Bolsonaro se acha capaz de esconder os corpos.*”²³

Agora, trata-se de observamos como essas declarações constituem um *regime discursivo do troll*. Desta forma, uma primeira distinção que devemos fazer é que o *caos sócio-discursivo troll* se difere da produção filosófica do diálogo. O primeiro discurso entra na esfera pública ou, mais especificamente, nas plataformas digitais como quem entra num *ring virtual*,

¹⁹ JAIR..., s/p.

²⁰ “NÃO...”, s/p.

²¹ Cf.: LEOPOLDO. O *silêncio de Filebo*. Um dos primeiros elementos estratégicos da *teoria queer* é a positivação do insulto. Lembramos que a palavra “*queer*” era inicialmente um xingamento para alguém “estranho”, “esquisito”, etc., porém, o mesmo termo foi apropriado de forma afirmativa, assim, o *queer* se torna uma potência e perde grande parte do seu significado pejorativo (Leopoldo, 2020c).

²² PARA..., s/p.

²³ SAFATLE. *Bolsonaro se acha capaz de esconder os corpos*, s/p.

o importante é produzir um *knockdown performativo*; o segundo discurso tem como foco a procura da verdade, a validade da argumentação, a coerência e, ademais, características subjetivas para a abertura de uma relação dialógica.

Neste *ring virtual* das plataformas digitais, o *troll* tem uma forma muito particular de produzir a violência. De posse dela, ele ganha uma grande capilaridade, criando uma “zona de indecidibilidade entre o sério e o jocoso. Eles conseguem canalizar a insatisfação popular pelo magnetismo da piada que, torcendo a ordem séria do discurso, diz o obscuro”.²⁴ Trata-se de um discurso que trabalha com múltiplas camadas: a literalidade e o cômico.

Entre as duas camadas, tem-se a produção dessa zona cinza impermeável ao diálogo. Em todos os exemplos que foram citados é possível enxergá-lo e compreendê-lo ou em sua literalidade, ou em sua bruta comicidade. Dizer que se deve matar o ex-presidente FHC pode ser entendido como uma piada ruim ou como uma ameaça de morte, defender que para mitigar a mudança climática é necessário fazer cocô dia sim e dia não pode ser acolhido como um chiste de mau gosto ou como uma recomendação ecológica do *troll*; manifestar que o covid-19 é uma fantasia ou uma gripezinha pode não passar de uma broma irresponsável ou, quiçá, como uma indicação político-sanitária.

Parece-nos que duas possibilidades de diálogo foram rompidas diante do *troll*. O discurso do filósofo, em geral, não entra em *rings*²⁵. O filósofo pressupõe do seu interlocutor uma atitude não

dogmática, pressupõe uma abertura sincera à conversa. Ele não poderia forçar o outro às regras do diálogo filosófico, pois seria uma forma de violência. Por sua vez, a crítica mais comum do *politicamente correto* é denunciar o polo da literalidade do discurso. Porém, quando a literalidade do discurso é denunciada é pertinente dizer que o *politicamente correto* não entendeu o polo da comicidade. Assim, por meio desta zona cinza, o *troll* diz o obscuro *dissimulado de piada*. O *troll* expressa a violência e o *crime dissimulado de brincadeira*. Na atual pandemia, a parolagem bolsonarista não afirma o *status quo* numa espécie de conservadorismo, ela, na verdade, trabalha ao lado de uma necropolítica gerenciando a morte e, muitas vezes, parece chegar próximo de um amor pela abolição, o estado suicidário.²⁶

3. Sars-cov-2 e a vulnerabilidade trans*

Quando caracterizamos os Humanos e os Terranos evocamos a produção da subjetividade moderna e o seu reflexo na atualidade. Trata-se de compreendermos não só filosoficamente essa subjetividade, mas também de vermos o exército de frente dos Humanos encarnados nas grandes empresas e, além disso, nos projetos políticos. Não se refere mais a uma divisão política entre progressistas e reacionários, uma divisão política entre esquerda e direita, pois, neste *novo regime climático*, o que encontramos é uma guerra dos mundos entre os Humanos e os Terranos,²⁷ cujo problema central, já devidamente enfatizado, seria o *antropoceno*.

²⁴ PINTO-NETO. *Do populismo reacionário ao exterminismo*, p.84.

²⁵ ONFRAY. *Contra-história da filosofia*; LEOPOLDO. *O silêncio de Filebo*.

²⁶ PINTO-NETO. *Do Populismo Reacionário ao Exterminismo*.

²⁷ VIVEIROS DE CASTRO; DANOSWIKI. *Há mundo por vir?*; LATOUR. *Où Atterrir?*

Diante dos Terranos e dos Humanos, esse último é mais fácil de caracterizar, enquanto os primeiros teriam uma variedade maior. Esta facilidade de descrever os Humanos é oriunda deles serem uma espécie de Midas que moderniza tudo que toca. O Humano é modernizador e expansionista. Observamos, como já havia sido explicitado, que um dos efeitos do que estamos chamando de subjetividade moderna é, cada vez mais, a espoliação da terra que é correlata a espoliação de determinados povos, lugares e subjetividades. Desta forma, torna-se mais comum o que considerávamos como “anomalias climáticas” como, por exemplo, ondas de calor, secas, furacões, incêndios em larga escala, epidemias e possíveis pandemias. O covid-19 é, tão só, mais um efeito dessa relação destrutiva com a terra e consigo mesmo e o seu caráter pandêmico refez toda uma redistribuição da vulnerabilidade humana.

A respeito dos Terranos, Viveiros de Castro e Danowski, os relacionam, sobretudo, com os ameríndios. Não obstante, gostaríamos de fazer o vínculo dos Terranos com uma gama de minorias, ou ainda, com aqueles que anseiam por produzir políticas para manter a vida. Em nosso caso e, focalizando este breve estudo, pensaremos a população trans*, pois o *dever minoritário* é um *dever trans* do mundo*. Com este *dever trans* do mundo* pensamos um duplo, tanto a vulnerabilidade quanto a potencialidade.

Assim sendo, seguimos dois caminhos teóricos: 1) o primeiro ponto é explicitar

a vulnerabilidade extrema desse grupo, uma linha dura estatal; 2) o segundo é delinear a tentativa da criação de um espaço comum, uma linha de solidariedade. A respeito destes dois elementos podemos recorrer há alguns pontos da pesquisa da antropóloga Alessandra Mawu. A autora produziu o mais recente mapa latino-americano da situação trans* em seu trabalho intitulado: *La realidad de mujeres transexuales y sus movimientos sociales en Sudamérica en tiempos de covid-19*.

Mawu elabora dois eixos em seu trabalho, uma análise dos países da América Latina onde há ou não a presença da *lei de identidade de gênero*²⁸; e uma análise de vários ativismos, grupos populares, que visam várias políticas de cuidado da população trans*. Contudo, antes de salientar estes dois eixos, sublinhamos que todos nós estamos *desamparados* diante da pandemia. Pensamos, novamente, no *dever trans* do mundo*. Porém, a cartografia desta vulnerabilidade é muito específica.²⁹ Ela tem a sua distribuição de forma desigual, já que nem todos têm acesso ao sistema de seguridade social, ou ainda, à possibilidade de estar na quarentena. Com relação à população trans* sabemos que na pandemia somente agrava a situação.

4. Confinamento liberto e solidariedade

Todos os espaços são mais perigosos à população trans*, seja no confinamento, seja a céu aberto. Todos os espaços que Michel Foucault chamou de “disciplinar” e

²⁸ A lei de identidade de gênero tem as suas variações em diversos países da América Latina. Contudo, para a sua explicação mais concisa tomemos como exemplo a lei João W. Nery, no Brasil, aprovada em 2018. No seu primeiro artigo se trata de afirmar o reconhecimento da *identidade de gênero*. Por sua vez, a identidade de gênero é definida como uma vivência interna e individual tal como cada pessoa sente, vivência essa independente do sexo atribuído no momento do nascimento.

²⁹ MAWU. *La realidad de mujeres transexuales y sus movimientos sociales en Sudamérica en tiempos de covid-19*.

que Gilles Deleuze chamou de “controle” são ultra letais diante da população trans*. Neste sentido, lembramos dos arquipélagos carcerários, do espaço disciplinar da casa, da escola, da empresa, da prisão e dos hospitais. Diante do surto de covid-19, o que temos é uma maximização das vulnerabilidades em qualquer espaço.

Quando Mawu escreve uma espécie de cartografia das vulnerabilidades latino-americanas frente ao horror do covid-19, trata-se de questionar o papel do Estado e dos grupos de apoio, políticas institucionais e políticas não institucionais. Relativo ao primeiro eixo, são ressaltados diversos países da América Latina que hoje possuem a lei de identidade de gênero como, por exemplo, Uruguai (2009), Argentina (2012), Colômbia (2015), Bolívia (2016), Equador (2016) e Brasil (2018); já concernente ao segundo eixo, é destacada uma multiplicidade de grupos e ativismos que tentam dar conta do que não é assegurado pelo Estado.

É neste íterim que ponderamos os dois eixos como uma *linha dura do estado* e uma *linha da solidariedade*. Na primeira linha, o Estado neoliberal, onde é bastante cabível recordar quando o próprio estado produz com violência, codifica e essencializa as identidades que gerencia via necropolítica ou por uma biovigilância. No momento em que fizemos uma análise da conjuntura brasileira, o que caracterizamos foi tanto uma *ultradireita troll*, com o seu caos sócio-discursivo, quanto um estado necropolítico, a beira de sua paixão pela abolição. A segunda linha remonta dois dados importantes: 1) o primeiro é a caracterização do que entendemos como *confinamento liberto* na *sociedade de controle*; 2) o segundo é a possibilidade

de, nesse ambiente, produzir um espaço de *reelaboração dos afetos* e uma *subjetivação solidária*.

O oximoro *confinamento liberto* nos convida a refletir acerca do isolamento no contexto da *sociedade de controle*. Por este ângulo, quando voltamos à elaboração de Deleuze sobre a *sociedade de controle*, o que destacamos é que essa sociedade se dá numa “crise generalizada de todos os meios de *confinamento*, prisão, hospital, fábrica, escola, família”.³⁰ O que surge com essa crise do confinamento da sociedade disciplinar são as “formas ultrarrápidas de controle ao ar livre”.³¹ Desta forma, ao mesmo tempo em que estamos em uma espécie de *confinamento disciplinar*, enclausurados no espaço familiar, estamos no *controle ao ar livre*, pois temos a possibilidade de, mesmo no espaço fechado, nos conectar com outras pessoas e produzir uma *solidariedade numérica*.

Isto posto, teríamos que evocar, no mínimo, duas possibilidades interessantes diante desse controle ao ar livre: 1) a primeira é romper o processo de controle, parar com a comunicação no intuito de produzir algo diferente; 2) a segunda gira em torno de, mesmo diante das máquinas da sociedade de controle, a cibernética e os computadores, tentar produzir outra forma de composição subjetiva. Uma forma de composição que pode abarcar os dois campos já salientados que devem ter uma interpolação, o campo “real” e o campo “virtual”.

É sopesando sobre a segunda possibilidade que retomamos a questão da *solidariedade*. O que se reconfigura

³⁰ DELEUZE. *Conversações*, p. 224.

³¹ DELEUZE. *Conversações*, p. 225.

nesta noção, no contexto da pandemia, é a proporção que ela poderia tomar. Slavoj Žižek aponta a possibilidade de uma *solidariedade global* e que não se fundaria no idealismo da esquerda, mas, sobretudo, na *necessidade* da própria sobrevivência das pessoas e da economia. Neste sentido, poderíamos lembrar da retomada da pauta a respeito de uma *Renda Universal Básica*. No nível das relações intersubjetivas, a *solidariedade* também poderia ser compreendida como uma *necessidade*, visto que a tentativa da quarentena, do isolamento social e o uso de máscaras se configuram como um cuidado não somente consigo mesmo, mas, com os outros.

Contudo, o que evocamos como uma *experiência de solidariedade* estaria fundada em outro elemento não apontado pelo filósofo esloveno. Trata-se de pensar a composição da subjetividade solidária dentro do *devenir trans* do mundo* e de uma *subversão queer*. O *devenir trans* do mundo* diz de uma situação insuportável e no momento pandêmico, de alguma forma, generalizável; a *subversão queer* é tanto uma *recusa* de uma situação, quanto a *afirmação* da própria diferença. A *afirmação* nos retira das nossas solidões e protesta um valor comum, nos retira dos nossos dramas individuais e clama um solo compartilhado. A *afirmação* como uma *revolta* produz a própria *solidariedade* na peste coletiva.

Referências

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. *Pós-extratativismo e decrescimento*. São Paulo: Elefante, 2018.

AS transidentidades e o sujeito da política com o psicanalista Eduardo Leal Cunha. *Lacaneando*, 29 set. 2020. 1 vídeo (58:42 min). Publicado por Lacaneando. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aJvYmXR7v8A&t=2990s>. Acesso em: 22 nov. 2020.

AVELAR, Idelber. *Eles em nós*. São Paulo: Editora Record, (no prelo).

CALDAS, Carlos. O “*cristianismo positivo*” *tupiniquim*. Unisinos, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/35jqDXZ>. Acesso: 4 mai. 2020.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

FERRÁNDIZ, Teresa María Mayor. Los negacionistas del Holocausto. *Revista de Clases historia*, n. 4, p. 5, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard, 1975.

JAIR Bolsonaro defendendo guerra civil, fim do voto e fechamento de congresso [COMPLETO]. *Thays Gianni*, 10 abr. 2016. 1 vídeo (35:38 min). Publicado por Thays Gianni. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKlVw>. Acesso em: 29 nov. 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para odiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *E-book*.

LATOURETTE, Bruno. *Où Atterrir?* Paris: Éditions La Découverte, 2017.

LEOPOLDO, Rafael. O silêncio de filebo. *Sapere Aude*, v. 10, n. 19. pp. 93-103, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3dcoi3J>. Acesso: 4 mai. 2020.

LEOPOLDO, Rafael. A ultradireita troll. *Justificando*, 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/2KMBn7D>. Acesso: 30 abr. 2020.

- LEOPOLDO, Rafael. *Cartografia do Pensamento Queer*. Bahia: Devires, 2020b.
- LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto traveco-terrorista. In: LEOPOLDO, Rafael; YORK, Sara. (orgs). *Manifestos do cu do mundo*, (no prelo).
- MAWU, Alessandra. *La realidad de mujeres transexuales y sus movimientos sociales en Sudamérica en tiempos de covid-19*, (no prelo).
- MBEMBE, Achille. *Brutalisme*. Paris: La Découverte, 2020a.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Portugal: Antígona, 2014.
- MBEMBE, Achille. *Direito universal à respiração*. N-1 Edições. 2020b. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/020>. Acesso: 30 nov. 2020.
- MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. *A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu*. São Paulo: Editora Record, 2019.
- "NÃO estupro porque você não merece", diz Bolsonaro a Maria do Rosário. *Istoé*, 9 dez. 2014. 1 vídeo (2:04 min). Publicado por revistaSTOE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvljc>. Acesso em: 22 nov. 2020.
- ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: WMF, 2008.
- PARA cuidar do meio ambiente, Bolsonaro sugere fazer cocô dia sim, dia não. *Poder 360*, 15 ago. 2019. 1 vídeo (0:42 min). Publicado por Poder360. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WJYYVxCN7pM>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- PINTO-NETO, Moysés. *Do populismo reacionário ao exterminismo: yuppies, neggers e trolls*. Crise e Crítica, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2y351mG>. Acesso: 30 abr. 2020.
- PRECIADO, Paul. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SAFATLE, Vladimir. *Bolsonaro se acha capaz de esconder os corpos*. Apublica, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2SihuJM>. Acesso: 30 abr. 2020.
- SIGMUND, Freud. *O futuro de uma ilusão*. Trad. José Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOSWIKI, Débora. *Há mundo por vir?* Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.
- YORK, Sara. Manifesto Travesti. In: LEOPOLDO, Rafael; YORK, Sara. (orgs). *Manifestos do cu do mundo*, (no prelo).
- ZIZEK, Slavoj. *Pandemic! Covid-19 shakes the world*. New York: Or books, 2020.

Recebido em: 29.08.2020

Aprovado em: 27.11.2020